

**Favaio pã e Vinho. Núcleo Museológico**

**Artur Cascarejo**

Presidente da Câmara Municipal de Alijó

---

Agradeço o convite ao Director do Museu do Douro, para em conjunto reflectirmos todos sobre os museus da nossa região e de certa maneira sobre este tema mais vasto da cultura enquanto estratégia de desenvolvimento.

A primeira nota que queria aqui deixar é que hoje, quando se fala de desenvolvimento, temos cada vez mais a consciência que não há verdadeiro desenvolvimento sem uma aposta forte na cultura, nas suas diversas dimensões. Na qualidade de autarca, não poderia deixar passar esta oportunidade sem referir que cada vez mais temos a consciência de num mundo globalizado, como aquele em que vivemos, nós, no interior de Portugal, em Trás-os-Montes e Alto Douro, só poderemos afirmar os nossos territórios no contexto regional, nacional e internacional, se de facto encararmos esta aposta na cultura como uma das alavancas fundamentais para assegurar o desenvolvimento sustentado e integrado dos nossos territórios e, conseqüentemente, das nossas gentes.

Por isso, desde a primeira hora, quando surgiu este projecto do Museu do Douro como um museu do território, com uma sede na Régua e com pólos disseminados pelo território duriense, os autarcas de uma maneira geral, e aqueles que estão mais sensibilizados para esta matéria em particular, aplaudiram com as duas mãos esta ideia. Ao contrário dos outros museus, este não é um museu para estar num sítio, não é um museu só com um tema, não é um museu com um objectivo fechado. É um museu aberto, diria mesmo que consegue concretizar no Douro o paradigma actual da globalização, é um museu global, porque como diria o Miguel Torga: *o local é o global sem paredes*. Portanto, o que temos de fazer é do nosso Douro, um global sem paredes. E este Museu do Douro o que tem de ser é exactamente isso: um museu sem paredes. Para ser um museu sem paredes tem que ter este conceito perfeitamente enraizado, quer naqueles que lideram este projecto, quer nos autarcas, quer, sobretudo, no público-alvo, todos nós durienses. Mas para ser efectivamente um museu do território também não podemos repetir-nos nos diferentes pólos. Aquilo que há de verdadeiramente rico e novo neste conceito

não é apenas o facto dele não se cingir a uma terra e a um tema, mas sobretudo o facto de apostar na maior riqueza do Douro, a sua diversidade.

O Museu do Douro só pode atingir os seus objectivos com total eficácia e plenitude, nesta perspectiva de estratégia de desenvolvimento, se apostar na heterogeneidade e na diferença, se apostar eu diria na qualidade, na diferença e na excelência. Então qual o contributo específico, qual o valor acrescentado que o Museu do Douro, neste caso, no seu pólo de Favaios, pode acrescentar a este projecto de museu do território?

Como sabem, Favaios foi, é e será conhecido, sobretudo por dois grandes produtos: o moscatel e o pão. Quando surgiu esta ideia de museu do território a autarquia de Alijó entendeu propor à estrutura do Museu do Douro que aproveitasse esta especificidade de Favaios para em torno deles se estabelecer uma estrutura museológica que aliasse as tais componentes que referi no início - que aliasse a componente do valor acrescentado, do enraizamento local e que contribuísse para aumentar a qualidade de vida e, conseqüentemente, o emprego, a riqueza e a sobrevivência das pessoas que estão nos territórios.

O objectivo da Câmara Municipal de Alijó ao aderir a este projecto e, desde a primeira hora, não regatear esforços quer a nível financeiro, com a nossa participação como fundadores, quer a nível institucional e mesmo (eu próprio sou fundador) quer dar esse sinal de importância do projecto no nosso futuro colectivo. Acredito que só assim poderemos dar o tal salto qualitativo para assegurar que as pessoas têm mais uma oportunidade para não fugir do Douro, tem mais uma oportunidade para criar emprego local, e têm mais uma oportunidade para, como dizi, associar aquilo que são os nossos produtos de excelência com o desenvolvimento sustentado do Douro.

Porque no fundo, e isto penso que não é específico de Favaios, nem é específico de qualquer terra, é uma fraqueza do país em geral, e da região em particular, temos coisas excelentes, mas temos uma enorme dificuldade em estabelecer uma estratégia de marca e de marketing para vender aquilo que temos. E no fundo está quase tudo feito, Senão vejamos. Temos na região um produto que tem sido, ao longo dos séculos, não apenas uma mais-valia económica, mas também um verdadeiro embaixador de Portugal - o vinho do Porto - que , enquanto marca, já

conseguiu garantir mais-valias nos mercados internacionais. A partir daí podemos depois vender tudo o resto.

Agora, para que isto aconteça além desta nossa aposta na marca, no marketing e nesta estratégia de desenvolvimento sustentado, é também necessário que, de uma vez por todas, o Douro fale a uma só voz. É imprescindível que nesta questão do Museu do Douro fale mais alto este conceito que acabei de referir do que os umbigos de cada um e de todos nós. E, portanto, quando se encontrarem pólos, esses pólos que tragam valor acrescentado, porque se forem uma repetição do que já existe, não valem nada; se forem uma complementaridade, aí sim, e então cada um que se bata por essa complementaridade.

Acredito profundamente que no Douro é preciso existir um conjunto de âncoras em rede para trabalhar em conjunto, ganhando escala e dessa forma termos verdadeiramente o tal turismo cultural, o turismo que tem que vir sempre do vinho, porque o vinho há-de ser sempre o nosso grande embaixador. Mas não é o turismo para dois ou três *resorts* e para meia dúzia de pessoas muito endinheiradas que chegam cá, aterram e levantam e não fica nada para os respectivos territórios. Não é esse turismo que queremos, assim como não é o turismo dos barcos, que vão e vêm, que sobem e descem, e não deixam um tostão, um euro para o território. Apenas sujam e, depois as câmaras têm que limpar. Não é esse turismo. O turismo em circuito fechado já o conhecemos e não nos serve. Serve os promotores, mas não os territórios, nem quem cá habita. Portanto, aquilo que defendemos é que precisamos de arranjar *light motives* para os turistas ficarem e permanecerem o maior número de dias na região. Todos esses motivos são absolutamente determinantes. O Douro e a estrutura do Museu do Douro é um desses motivos fundamentais na sua componente cultural e museológica, mas, e perdoem-me referir isto, no concelho de Alijó há um outro projecto, que também tem como objectivo, que é protagonizado por Nuno Canelas. Foi ele e um conjunto de pessoas que iniciaram este projecto, que é o Museu de Gravura do Douro, que se iniciou em Alijó, mas já este ano estabelecemos uma parceria com Foz Côa e estamos abertos a estabelecer parcerias com outros territórios e concelhos. Isso assenta numa noção de rede que tem por objectivo reter mais turistas, tal como o projecto das Aldeias Vinhateiras, que também têm de ser vendidas em rede, e os miradouros, os

percursos pedonais e tudo aquilo que podemos acrescentar de verdadeiramente único para dar ao turista, para que o turista permaneça cá mais e mais tempo.

É nesta perspectiva de aliança entre o património cultural histórico construído e o desenvolvimento sustentado e integrado dos nossos territórios que os autarcas vêem de uma maneira geral o Museu do Douro. Este autarca que está à vossa frente é assim que vê, e umas vezes concordando, outras discordando, porque digo aquilo que penso relativamente à forma como os processos vão caminhando. Ninguém duvide de uma coisa, pode haver autarcas na região convencidos que este é o caminho, pode haver autarcas que estejam tão convencidos quanto eu que este é o caminho, mais convencidos e apaixonados por esta ideia, duvido. Enquanto estiver á frente da Câmara de Alijó todos os projectos museológicos que tragam valor acrescentado serão apoiados pela autarquia; repetições, não muito obrigado, mas tudo o que traga valor acrescentado e seja feito no concelho de Alijó ou em qualquer outra parte do Douro, será apoiado pela Câmara Municipal de Alijó.

Em jeito de balanço, penso que o Douro será aquilo que todos quisermos que seja. Já chega de lamúrias, de dizer que a culpa é do governo central, que +e do poder local, dos empresários, que é destes e daqueles... para esse peditório não dou. Esta região cheia de diagnósticos, há quilos e quilos de papel sobre aquilo que devemos fazer, faltam é actos, faltam as realizações, faltam as concretizações. Os autarcas têm este defeito, gostam de concretizar e, portanto, agora que já nos entendemos no que diz respeito aos objectivos e à estratégia, vamos então concretizar, vamos passar à acção. Este é o desafio com que todos estamos confrontados. Do dizer ao fazer eis a questão.

